

# ARTE

18/12/1926

## EXPOSIÇÃO

Jornal da **DOS** - *Mantinha*  
Humoristas Portugueses

Eu fui, a fora a *equipe* organizadora do «Salão dos Humoristas Portugueses», talvez o seu maior defensor. Defendi-o em várias crónicas. Em crónicas que publiquei neste jornal e no «Diário da Tarde» de Lisboa. E toda a minha dedicação, todo o meu apoio, inspiravam-se na consistente energia que, D. Fuas, seu pertinaz organizador, desenvolvia. Impunha pelo seu domínio de obstáculos. Eu, por isso, tive o brado leal das minhas frases a todas as alturas... A' altura de muitas cabeças que, prematuramente, se negavam a aplaudi-lo.

A minha defesa cessou, porem, desde o dia da sua inauguração. Desde o dia em que ele está na vitrine. Desde o dia em que ele está na vitrine do «Salão Silva Porto».

Só duas horas depois da abertura do «Salão dos Humoristas Portugueses eu o visitei. Já algumas caras conhecidas espreitavam várias Telas. Quatro ou cinco mulheres friorentas escondiam-se nos augulos mornos do salão. Defendiam-se, bloqueavam-se com as peliças.

Quando, num abraço de olhos, cumprimentei a grande exposição de quadros, a sorrir como bom policromo aspecto, pareceu-me, também, que as cores sorriam...

E foi a sorrir que principiiei a olha-las. Que comecei a vêr cada quadro como se estivesse a estudar o corpo duma mulher *toiletizada* de tintas.

Em frente das caricaturas de D. Fuas, o mais glorioso caricaturista português, eu mantive o mesmo veu de alegria.

Os seus desejos aguare-

lados são tratados com uma beleza que ordena a maior admiração. Os seus dois grandes cartazes são dois fortes gritos de arte e de graça.

Vou andando... A primeira desgraça, aniquila o meu sorriso. Os trabalhos pesados de Cruz Caldas foram os autores dessa aniquilação. Não tem proporções. Tentou a aguarela e o desenho sem saber desenhá-lo. Diante de duas interessantes caricaturas de Botelho recuperei o meu generoso «sorrir». E' pena não ter enviado mais trabalhos. Lino Antonio, que tem afinidades de traço com Vasquez Diaz, expõe seis desenhos vigorosos. Esquisou gente do mar. Pescadores. A expressão das suas duas cabeças tem um perfeito limite de contracções.

Verdadeiras. Lino Antonio, pelo que apresenta, tem o dever de tentar o oleo. Encaminha-se para ser um grande pintor. Octavio Sergio é muito banal e inestético nos seus numerosos quadros. Menezes Ferreira, Antonio de Brito, Carlos Ribeiro, Armando de Jermelo, Silva e Sousa e José Brusco,—são os fallhados do Salão. Tiveram a imprudencia de se representarem em ridiculos apontamentos. Em maus apontamentos que pretendem ascender a obras para galeria.

Só duas senhoras vieram concorrer. O feminismo, alcança, porém, pelas suas duas embaixatrizes artistas, uma média honrosa. Maria Noemia da Silveira d'Almeida, que deve ser uma fanatica leitora dos magazines parisienses, fez um desenho vaporisissimo no «Foyer». O outro trabalho, «Garçone», a aguarela, é muito imperfeito. Con-

segue, apesar disso, ter um ar que põe a sua autora candidata á admiração. A outra expositora, Helena de Bourbon e Menezes, é estrela que brilha com mais fulgor. São seis as suas telas. Perpassa em todas elas uma tal onda de ironia que se definem mesmo sem legendas. Cito, por exemplo, a sátira decepçionica de: «Os senhores foram jantar fora». E' uma bela *blague* de atitudes. Os fundos dos quadros de esta artista são gritantes faixas de côr. As figuras estão bem limitadas. Mas um grave defeito as envolve. Helena de Menezes tem um desenho bastante Bordalopinheiresco, que a prejudica. Que altera a estilização dos tipos que apresenta. A sua paleta, só por este motivo, não tem a honra de ser moderna.

Carlos Carneiro, o pintor das elegancias, apresenta-se com desenho, oleo e aguarela. Quasi brilhante. Calderon Diniz, muito confuso. Na «Tentação», teve a felicidade de repetir com fidelidade, os *dandys* de esta

Dois nomes fecham, com brilho, esta cronica. São: Emerico Nunes e Jorge Barradas. Este, nos quadros a oleo, menos, muito menos artista do que nas aguarelas. As suas cabeças de mulher, as tocadas de ingenuidade ou de vicio, são obras de arte.

O grande exito, no «Salão dos Humoristas», o grande premio merece-o Emerico Nunes. O seu melhor trabalho s' o todos os seus trabalhos. Impõem se pela mecanica do seu traço. Pelo cuidado do detalhe Pintou como é preciso começar a pintar-se em Portugal. Com côres expressivas e com caracter idoneo. Forte. Menciono, a variedade detalhada, por exemplo, em «A Rua do Arsenal». E' uma tela que é o retrato transeuntico de Lisboa, num dia de movimento. Emerico Nunes tem, por isto, o direito á mais valiosa condecoração. A uma condecoração de admirações e aplausos.

D. Fuas, cavaleiro do risco, cavaleiro que conquistou para o Porto a honra de um *salon* pictorico, teve a mais cobarde companhia dos pintores portugueses. Dos desenhistas. Dos humoristas. Faltaram quasi todos... Os que chegaram, na maior parte, são falidos. São falidos de talento,

O «Salão dos Humoristas», que tinha probabilidade de ser uma grande parada de paletas novas, modernistas, foi um fracasso... Confesso-o com magua. Confesso-o para ruborizar os pseudo-artistas, que, por aí, andam a gritar, os valores contemporaneos. Resumiram-se... Lisboa, talvez, por receio, por receio de confrontos, respondeu debilmente ao generoso convite do distinto D. Fuas. Ficou em casa... D. Fuas convidou a. Intimou-a a comparecer. Lisboa, para de futuro, não pode dizer que, alem de Barradas, de Emerico e de Helena Menezes, possui mais pintores. Tem, porem, o direito de dizer que tem imensa cobia.

GUEDES D'AMORIM